

ARANI AHNERT PIERI
1938-1998

Nasceu a 3 de dezembro de 1938, na Casa de Saúde Campinas, filha de Otília Ahnert Pieri e Emílio Pieri. Foi a primeira filha do casal e teve um irmão, Orandir. Era filha obediente, dedicada e amorosa. Irmã e cunhada afetuosa e respeitosa. Tia atenciosa, generosa e liberal. Prima solidária e amiga. Sabia respeitar a cada um sem nunca impor sua presença. Discreta, jamais interferia na vida de ninguém. Adorava a família do irmão e era orgulhosa de suas sobrinhas.

Ouvi sua Mãe, Tilica, contar que, quando Arani era pequena, tinham um comércio perto da estação ferroviária e levava consigo a filha, muito cedo, porque ia ajudar o marido a preparar e a servir o café da manhã para sua clientela, que chegava de trem. Foi ali o começo da indústria de sorvetes Sibér, que espalhou produtos por todo o Brasil e da qual futuramente, Arani viria a ser Diretora Financeira. Mário e eu ríamos muito ao ouvir seu Pai contar as peripécias daquela época, principalmente a respeito dos viajantes que vinham do nordeste, para quem sorvete era uma novidade.

Apreciando seu álbum fotográfico é fácil perceber que ela teve uma infância feliz rodeada pelo carinho dos pais, que pude constatar, eram muito amorosos; e, paparicando o irmãozinho, a quem ela adorava e pelo qual tinha um grande respeito.

Foi uma criança descontraída e brincavam na rua, como era comum naquele tempo, contou-me saudosamente o Orandir. Contou-me também que uma vez, em Santos onde tinham apartamento, numa festa junina, explodiu uma bombinha na mão dela; graças a Deus sem grandes conseqüências, porque não ficou nenhuma marca. A Arani gostava muito de ir a Santos e vinha toda feliz por estar bronzeada.

Quando jovem freqüentou assiduamente o Clube Concórdia, acompanhada dos pais e gostava muito de dançar. Teve todas as oportunidades e passeios de uma jovem de sua classe social.

Era uma pessoa alegre e de bem com a vida. Gulosa, curti muito as gostosuras que apareciam. Lembro-me de seu entusiasmo quando surgiu o Mac Donald. Queria sempre levar sanduíches para a Tilica. Com que entusiasmo ficou quando fomos conhecer a Pizza Hutt. Parecia uma criança. Sou capaz de revê-la esfregando as mãos e rindo feliz.

Curtia um churrasco como ninguém. Quando fomos para fazer o primeiro OVISA em Cuiabá, na viagem ela e os carnívoros se preparavam para experimentar as carnes da região. Estavam sonhando. Chegados ao Restaurante, enquanto a Nadyr pedia a receita do cupim, o Mário e o Gisbert disputavam gulosamente as iguarias, me espantei vendo a Arana servir-se só de arroz, mandioca e farofa. Perguntei: “*Você não está bem?*” Fez sinal de silêncio e respondeu baixinho: “*Hoje é sexta feira, não como carne. Não deixe ninguém perceber.*” Claro que tiveram outros restaurantes e muitas outras carnes. Foi nessa viagem que ela deixou de fumar. Como a perua Kombi em que viajávamos era do Wilson e da Nadyr que não permitia que se fumasse dentro do carro; sempre que o carro parava, o Mário e a Arani desciam e ascendiam logo seus cigarros. Ela sentiu que estava incomodando e decidiu largar de fumar. Pena que o Mário não tenha feito o mesmo.

Como o meu pai, o senhor Emílio também era muito severo, mas dedicado e amoroso. Cuidava muito das companhias dela. Lembro-me que, quando íamos buscá-la para sair ou viajar, a despedida era; mil beijos na Mãe, outro tanto no Pai, e, quando a Avó, dona Helena ainda estava viva, mais mil beijos. Até me irritava, porque quando já

estávamos na porta ela ainda voltava para dar mais uns beijos e fazer alguma recomendação.

Adorava a “Noninha”, a Avó, por quem tinha grande carinho e que sendo polonesa, rezava intermináveis terços na própria língua. Coitada de dona Helena para dar conta de tantas rezas que a neta encomendava. Posso garantir que se o OVISA fez tanto sucesso foi apoiado nos joelhos de dona Helena. Sem contar também as orações da Tilica. Mas, quem rezava mesmo era a Arani. Tinha calos nos joelhos, lembra a Nadyr, viúva do Wilson, primeiro casal coordenador formado pelo OVISA.

Arani sempre foi muito piedosa. Como gostava de participar da Celebração da Eucaristia e como levava ao pé da letra as suas conseqüências. O difícil era conseguir tira-la da Igreja. Lígia Testa, que revisou seus livros, contou que, uma vez, encontrou-a, por acaso, na Missa da Catedral e combinaram de se falar depois. Não havia meio de tirá-la de lá; ia a cada um dos altares dos Santos e ainda voltava para o Altar do Santíssimo. Teve que dizer-lhe: “*Você não desconfia que o Padre tem que fechar a Igreja?*” Assim era a Arani, esquecia-se de tudo quando estava em contacto com Deus.

Estudou no Colégio Culto à Ciência, tendo sido excelente aluna, e onde, posteriormente, foi professora de OSPB (Organização Social e Política Brasileira) e, por dar aulas no período noturno se penalizava com o cansaço e sono dos alunos. Formou-se em piano pelo Conservatório Gomes Cardim. Nunca a ouvi tocando e sei que sua Mãe tinha pena ao ver aquele piano apenas enfeitando a sala, mas a Arana me proibiu de convidá-la para tocar. É lógico que teria seus motivos, que sempre respeitei. Além de formada em piano formou-se em Canto Orfeônico.

Como o Pai queria muito que ela estudasse medicina prestou duas vezes vestibular e acabou indo cursar a faculdade de medicina em Cochabamba, na Bolívia. Transferiu-se depois para a faculdade de medicina em Vitória, ES. Como não estava mesmo inclinada a ser médica, convenceu o senhor Emílio e foi estudar direito em Niterói, RJ; tendo terminado o curso de direito na PUCC (Pontifícia Universidade Católica) em Campinas, foi aprovada na OAB.

Foi em seu escritório de advocacia que realmente nasceu o OVISA. Lembrome, como se fosse hoje, de seu entusiasmo ao falar sobre os Sacramentos. Estava empolgada com um livro que acabara de ler sobre o assunto. Minha contribuição só foi escolher o nome. Recordo-me de ter olhado pela janela dizendo: “*Podíamos chamar de Orientação para a Vivência Sacramental (OVISA)*”. Essa foi a minha contribuição.

Participou também da ADESG (Associação dos Diplomados da Escola Superior de Guerra) e freqüentava suas reuniões, das quais participava a elite. Fez parte do Cenáculo, outro grupo da elite e era a única representante do sexo feminino. Muitas das reuniões eram em sua casa e, até pelas fotos, se percebe o orgulho de seus pais pelo sucesso da filha. Seu sucesso era indiscutível. Quando se precisava de uma representante feminina, competente e segura, era ela a escolhida. Sempre fez jus à escolha.

Participou de diversos Movimentos da Igreja: Cursilho de Cristandade, TLC (Treinamento de Liderança Cristã), início da Renovação Carismática que Padre Harold Rahm SJ iniciou na Vila Brandina e chamava de Experiência de Oração no Espírito Santo, Relaxamento e Oração, etc. Sempre que ia dar alguma palestra preparava-se com dedicação e afinco. Não tinha preguiça de pesquisar.

Nunca me esqueci de uma vez em que falou sobre Nossa Senhora em uma reunião que fazíamos com a equipe do OVISA na Igreja do Divino Salvador. Foi muito agradável ver a paixão que tinha pela Mãe de Jesus. O que mais a impressionava era o *Silêncio de Maria*. Estou certa de que a seguiu ao pé da letra, era discreta e mantinha um silêncio respeitoso. Bem por isso Maria veio buscá-la em um sábado.

Como paroquiana, dedicou-se com toda a sua garra de apóstola. Colaborava na manutenção da creche, nas pastorais, nas atividades beneficentes. E participava ainda em outras paróquias, onde fazia parte de grupos de Renovação Carismática e tantos outros. Em todos os grupos, Paróquias e Movimentos distribuía profusamente os livros do Espírito Santo e Pelas Almas. É incrível a quantidade de padres e freiras que eram seus amigos.

Além das costumeiras viagens ao apartamento de Santos, aonde cheguei a ir visitá-los com o Mário; ela foi muitas vezes para a Europa, quando não deixava de pedir a Bênção Apostólica do Papa para os participantes do OVISA e para nossas famílias. Gostando muito de viajar foi à Patagônia, ao Peru, à Argentina, Ilhas Falkands, etc. Fez viagens de avião, de navio e de trem. A cada nova experiência, novo entusiasmo. Tinha o dom de curtir a vida e saboreá-la. Muitas vezes pergunto-me, o que faz uma moça bonita, inteligente, culta, rica; em condições de viver viajando e apreciando tanto as viagens, ocupar seu tempo cuidando de jovens, de casais, dos outros? A resposta é clara; é por acreditar em sua missão, é por acreditar no ser humano. É por valorizar a família.

Heloisa, sua cunhada contou-me que suas filhas, a cada novo filme de bang-bang que aparecia se comunicavam com a tia que não se furtava de acompanhá-las e que se divertia tanto quanto elas, e que, quando chegava a casa delas, sempre benzina cada cômodo com água benta. Lembro-me de sua generosidade presenteando as sobrinhas e sobrinhos netos, queria sempre o que encontrava de melhor, nem olhava o preço.

Em compensação, consigo, sempre achava que podia deixar para depois. Uma vez, no Shopping Iguatemi, numa loja chamada Chocolate, se encantou por um par de sapatos; experimentou-os, achou confortáveis, lindos e colocou-os de volta na prateleira. Não me conformei e fiquei muito brava, mas assim era a Arani, tudo para os outros.

Publicou duas coletâneas: *“O Divino Espírito Santo em nossa vida”* e *“Pelas Almas Oremos”*. No primeiro agradece aos pais e avó Helena, além de outros. No segundo, quando já não tinha a avó; os agradecimentos são para o pai e outros e tem um preito de saudades para a Mãe que tanto a incentivou. Distribuiu em profusão essas coletâneas. Publicou milhares delas e as distribuiu todas. Andava com diversas na bolsa e aonde ia, distribuía. Mandava para todas as Assembléias e cursos do OVISA. Também espalhava terços e orações que comprava aos montes. Estou certa de que, agora, curte no Céu o resultado de sua VIDA.

Mas seu forte não era a pontualidade. Lígia conta que, quando se reuniam para fazer a revisão em suas coletâneas, chegava de duas a três horas atrasada, escondida atrás de uma pilha de presentes: caixa de copinhos de sorvetes, Suquinha (adoçante dietético), etc; produtos de sua indústria; para acalmá-la. Quando nós saíamos juntas eu preferia passar para pega-la, porque senão, era atraso na certa.

Marcado um compromisso, logo falava: *“Você liga para me lembrar?”* Ao que imediatamente eu respondia: *“E quem me lembra para eu lembrar você?”* Mas de fato nunca precisei que me lembrassem. Tinha 21 anos quando li, em *“Confissões de um comedor de ópio”* de Thomas de Quincy: *“mas a memória fortifica-se quanto mais a exercitamos e torna-se digna de crédito quando nela aprendemos a confiar”*. Pois tendo adotado esse lema, minha memória nunca me traiu. Pelo menos até aos 79 anos. Arani achava mais fácil confiar em minha memória.

Quando a Mãe morreu ficou profundamente abalada. Acredito que a mágoa e tristeza deram início à sua doença. Tudo mudou. Não era mais aquela pessoa alegre e descontraída. O Pai vendeu a bela chácara que era a menina de seus olhos, onde faziam tantas reuniões; e ela vendeu a sua chácara, que era vizinha. Tinha se esmerado tanto em

sua construção, mas tudo tinha perdido a graça. Sua saudade era magoada. Foram tempos muito difíceis.

Depois morreu o Pai. Nos duas estávamos na Missa, num sábado de manhã quando sua cunhada veio avisar que o Pai estava morto. Durante a noite ele a havia chamado dizendo que estava com frio. Ela o cobriu com mais uma manta e ele disse que estava bem. Foi a última vez que o viu vivo. Antes de sair para a Missa espiou e ele estava como o deixara, na madrugada. Quando o enfermeiro, que diariamente o tirava da cama chegou, encontrou-o morto. Que privilégio! Só sentiu frio! Nessa época eu estava comprando um apartamento pequeno para morar e interrompi a procura, dizendo: *“vou esperar, quando você quiser, compramos juntas, no mesmo prédio, e ficamos independentes, e uma contando com a outra.”* Proibiu-me de tocar mais no assunto. Iria continuar morando, para sempre, na casa onde viveu com os pais. E foi o que aconteceu; lá passou todo o horror da doença, que no começo, até quis esconder.

Foi no dia em que soube que estava com câncer que chegou à minha casa, convidando-me para irmos tirar a foto a tanto tempo cobrada pelos membros e presidências do OVISA. Sem saber o porquê de tanta urgência, tentei combinar para outro dia, mas ela não deixou por menos, tinha que ser naquela hora. Tirou um batom da bolsa, me fez passa-lo. Já havia combinado com o fotógrafo que nos fotografou em diversas poses. A achei muito decidida, para quem, quando eu falava na insistência da Lia (do Carlinhos) antigos presidentes do OVISA, participantes da Regional do Vale do Paraíba, solicitando nossa foto oficial. Sempre protelava. Chegou até a fazer uma montagem com nossas fotos. Muito tempo depois, quando me contou sobre a doença foi que me disse ter sabido naquele dia da foto.

Observando as fotos tiradas naquele dia ninguém diria que ela tinha acabado de saber que estava com câncer. Que fortaleza era a Arani. Que equilíbrio! Sei que com o Orandir, choraram juntos. Nunca deixou transparecer seu sofrimento e suas dores. Arani e o Mário eram pessoas especiais, que preferiam sofrer calados, poupando quem estava a seu redor. Por isso se admiravam tanto. Eram iguais. Duas pessoas nobres e admiráveis!

Quando eu soube de sua doença liguei para D. Irineu Danelon, nosso bispo padrinho, que logo veio para visitá-la. Ela, que nesse tempo não queria receber visitas, recebeu-nos e eles dois conversaram bastante. Dei para D Irineu a nossa foto oficial e ele a colocou no altar onde diariamente celebra a Missa, quando está em Lins SP, sua Diocese. Conta-me que a foto continua no altar e hoje reza pela santa que está no céu e a santa da terra. O Marcelo, motorista de D Irineu, me confirmou que nossa foto continua no altar.

Foram tempos difíceis, mas ela disfarçou o quanto pode. Foram tantos os tratamentos e tantas as orações que chegamos a pensar que tivesse sido curada milagrosamente. Chegou a dar um testemunho de cura na TV Século XXI. Tenho a fita Cassete que ela me deu, com a gravação desse testemunho. Mas a doença traiçoeira voltou.

Nesse tempo, o TLC estava se reiniciando, depois de muitos anos. Tendo eu sido convidada pelo Padre Haroldo Rahm, SJ para coordenar, logo convoquei a Arana, que, com todo o entusiasmo ajudou na organização e montagem da equipe. Quando estávamos distribuindo as palestras para o Curso que seria em junho de 1998, ela não aceitou nenhuma, dizendo que não sabia se estaria viva, na data. De fato não estava.

Sabia disfarçar o sofrimento. Continuava a nos convidar para jantar e Nadyr e eu ficávamos horrorizadas de vê-la comer aquele frango tão engordurado. Era impossível que seu fígado suportasse. Seu Pai, antes, já comentava que ela comia até quinze caquis, apanhados na hora no grande quintal, que ela chamava de chacinha.

Continuávamos a sair para restaurantes como se ela não tivesse nada. Era um mistério. Sempre fez regimes para emagrecer, passava fome a semana inteira e se esbaldava no domingo.

Quando foi internada no mesmo hospital onde havia nascido e onde a Mãe morrera, teve o melhor tratamento, mas foi tudo em vão. Seu pai era um dos fundadores da Casa de Saúde Campinas, se não me engano. Sei que ela teve um tratamento de rainha. Nadyr e eu procuramos dar-lhe a máxima assistência e fazer-lhe companhia. Que doente conformada e tranqüila. Sabendo, como eu sabia que a Arani tinha muito medo da morte, louvei ao Senhor pela paz que lhe deu. Não teve um lamento. Nenhuma reclamação. Entregou-se tranqüilamente, como o fez durante toda a vida.

A última coisa que ela comeu com prazer foi um pedaço do pudim que é feito na padaria da APOT, Instituição Padre Haroldo. À noite ela comentou sobre o pudim e eu disse: *“tenho um pedaço em meu freezer, vou buscá-lo”*. Na manhã seguinte ela comeu com gosto. Depois disso, ainda comeu, meio forçada, uma pêra. Foi a última coisa. Ficou mais dois dias meio consciente e suavemente, foi se apagando.

Quando Padre Haroldo Rahm SJ chegou ao hospital para dar-lhe a Unção dos Enfermos, eu disse-lhe: *“O senhor é o oitavo Padre que vem para abençoá-la”*. Ao que ele me respondeu: *“Eu quero, quando chegar a minha hora, ter tantos Padres assim me abençoando.”* E como Padre Haroldo, eu também quero, como quero ter uma morte tão tranqüila e com tanta paz, como ela.

Vieram para seu velório pessoas preciosas do OVISA de diversas Regionais. Foi uma verdadeira romaria de pessoas que a amavam e eram gratas. Teve Missa de corpo presente celebrada pelos Padres Antonino da Igreja Santo Antonio, em Campinas SP e Sérgio Baruffi SDB diretor do Colégio e da Igreja Nossa Senhora Auxiliadora, do Liceu Salesiano, onde iniciou o OVISA para casais.

Para celebrar a sua Missa de 7º dia vieram D. Irineu Danelon SDB, o Bispo de Lins e Padre Hilário Michueluzzi SDB de São Paulo, que concelebraram com D. Gilberto Pereira Lopes, Arcebispo da Arquidiocese de Campinas e Padre Sérgio Baruffi SDB, Diretor do Liceu Salesiano Nossa Senhora Auxiliadora, em Campinas.

A Missa foi celebrada na Igreja Nossa Senhora Auxiliadora, a maior de Campinas e estava lotada. Participaram representantes de algumas Regionais do OVISA e, os que não puderam participar, pela distância, celebraram em suas cidades e posteriormente me enviaram cartas de pêsames comunicando o fato.

Após a Missa o Orandir me entregou dois anéis que eram dela, um que é um terço (que ficou para a Nadyr) e outro que é um crucifixo deitado e que ficou para mim. Muitas pessoas do OVISA o conhecem porque costume usa-lo quando vou a Encontros e Assembléias e mostro para todos.

O Orandir também me deu seus pertences do escritório. Coloquei em caixas e levei para casa para separar com cuidado. Até hoje me delicio lendo suas anotações. Organizada, tinha relacionadas todas as edições de milhares de livros que distribuiu. Assim como tinha listas e listas de doações em dinheiro que dava para inúmeras Entidades e Religiosos, Religiosas e Padres. Não me admira que em seu quarto, no hospital, houvesse romaria. Si é verdade que no Céu se recebe o premio, conforme a nossa generosidade, aqui na terra; posso imaginar que ela, ao chegar, encontrou os Pais de braços abertos, e, ouviu de Jesus: *“Vinde bendita de meu Pai.....”*.

Nylza, minha irmã mais velha, quando soube que eu estava sofrendo pela morte da Arani, escreveu-me: *“Não fique triste, a Arani agora está refesteladinha no colo de Jesus.”* Estou certa de que essa é a verdade. Ela nos faz muita falta, mas está usufruindo do que o Senhor tem preparado para os justos.

Havia algum tempo que batalhávamos para resolver uma situação do OVISA no Liceu Salesiano, com a qual nós duas não estávamos de acordo com a coordenação do momento. Tínhamos preferido nos afastar para evitar que ‘pussem palavras em nossa boca’. Se nos afastássemos, não poderia continuar a ser dito: “A Arani disse isso, a Nely disse aquilo.” No dia 27 de julho o Padre Sérgio Baruffi SDB, Diretor do Colégio, ligou-me. Eu nem acreditava! E disse: “*Não é possível Arana, há tanto tempo estamos lutando e você agora, só em dois meses no céu e já resolveu tudo. Muito obrigada!*”

Na Missa de sétimo dia sua sobrinha Lara distribuiu essa homenagem. Deu-me uma porção, que enviei para todas as regionais e a todos os que enviaram carta ou telegrama. Ninguém poderia tê-la descrito com maior fidelidade.

Arani Ahnert Pieri

Deus a levou.

Já não está mais entre nós.

Já não a temos para nos orientar, proteger e aconselhar.

Deus a levou.

Sua presença já faz falta na fábrica, na Igreja e na família.

Sua presença, seu carinho e sua oração já não nos protegem mais.

Não nos transmite mais segurança e conforto.

Ninguém poderá com perfeição, escrever sua história. Não. Ela foi por demais digna e majestosa para caber nas simples páginas de um escrito qualquer.

Ficamos então com a lembrança e o exemplo de seu testemunho de vida, de sua retidão, de seu comportamento, do seu poder de oração. Sabemos pouco de suas tantas obras e das muitas pessoas e entidades a quem ajudou, pois as suas maiores virtudes foram a discrição e a simplicidade.

Arani!

Alma nobre como nenhuma, pura como poucas, sofrida mais do que todas.

Além de dar testemunho durante sua vida, na hora da morte soube ser ainda mais majestosa.

Lutou contra a doença, sofreu calada, poupando seus amigos e familiares de sofrer com ela.

Organizou e preparou tudo e a todos com hombridade soberana.

Nos últimos dias de sua vida poderia ter se revoltado e se desesperado, mas não a nossa Arani.

Foi digna e fiel ao Deus que tanto amou, até o último suspiro.

Arani!

Dia 27 de Maio houve festa no céu.

Agora você parte para a vida eterna, colhendo os frutos de sua gloriosa vida.

Se colher todos os frutos que plantou na terra, viverá a eternidade em abundância.

Arani, que sempre nos protegeu, pedimos agora que está entre os anjos, que continue a orar e zelar por nós e que ao chegar nossa hora venha nos fazer companhia e nos buscar pala mão para que enfim nos encontremos e passemos a eternidade juntas.

Homenagem de sua sobrinha que tanto a amou e admirou.

Assim encerro sua biografia. Nely

